

PERCEÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO E IMAGENS DA SOCIEDADE PORTUGUESA EM CONTEXTO INTERGRUPAL: O QUE OS JOVENS “NEGROS” PENSAM QUE OS PORTUGUESES “BRANCOS” PENSAM DELES

*Jorge Vala
Diniz Lopes*

Introdução

O estudo que apresentamos neste capítulo está integrado num programa de pesquisa iniciado em 1996 sobre o racismo em Portugal (Vala, Brito e Lopes, 1999; Vala, 1999; Vala, Lima e Lopes, no prelo; Vala, Lopes, Lima, & Brito, 2002)¹. Analisamos, aqui, a imagem que os jovens “negros” consideram que a sociedade portuguesa constrói sobre eles, de modo a entendermos a imagem que eles constroem dessa mesma sociedade. Estas imagens serão descritas a dois níveis: a nível dos traços e das emoções. A hipótese subjacente ao presente trabalho é a de que a imagem que os jovens “negros” em Portugal (portugueses ou não) constroem sobre eles próprios e sobre os portugueses “brancos” decorre, em grande medida, da percepção de discriminação de que são alvo.

Esta hipótese é controversa e pode ser discutida à luz de diferentes perspectivas teóricas que a apoiam ou infirmam. Numa primeira perspectiva, os grupos minoritários interiorizariam a discriminação de que são alvo e interiorizariam uma imagem negativa do seu grupo e outra mais positiva dos exogrupos dominantes. Esta perspectiva recebe apoio de estudos experimentais (e.g., Hinkle e Brown, 1990), mas

também de estudos com grupos reais (e.g., Jost e Banaji, 1994), bem como, e no domínio das relações racializadas, dos estudos clássicos de Clark e Clark (1947) realizados nos EUA, do estudo recente de França e Monteiro (2001), realizado no Brasil, ou ainda, e no domínio das relações de género, dos estudos de Deaux e Emswiller (1974), e dos resultados obtidos em Portugal por Amâncio (1994). De acordo com esta perspectiva, a percepção de que se é discriminado conduz a uma imagem negativa do endogrupo, mas não está relacionada com a imagem do exogrupo.

A hipótese que formulámos pode, ainda, ser enquadrada pela teoria do mundo justo (Lerner, 1980). De acordo com esta teoria, as pessoas aprendem que as coisas boas acontecem a pessoas boas e que as coisas más acontecem a pessoas más, ou seja, cada um tem o que merece. Consequentemente, o mundo é fundamentalmente justo. Só desta forma a vida se torna previsível e é possível programar o futuro (cf., Correia, 2000). Em nosso entender, podemos estender esta hipótese, concebida no campo das relações interpessoais, para a compreensão dos processos de discriminação de que as minorias são alvo. Assim, esta extensão da teoria do mundo justo prediz que quanto maior a discriminação percebida pelos jovens “negros”, mais negativa será a imagem que constroem do seu grupo. Porém, e de forma idêntica à perspectiva anterior, a percepção de discriminação não terá impacto na construção da imagem do exogrupo

Ao invés das perspectivas anteriores, uma outra perspectiva propõe que quando a discriminação é percebida como ilegítima, ela pode suscitar uma imagem positiva do endogrupo. Por exemplo, o “modelo da invalidação dos juízos e comportamentos discriminatórios” de Crocker e Major (1989; Schmader, Major e Gramzow, 2001) propõe que a percepção de discriminação terá um reduzido impacto psicológico, na medida em que os indivíduos discriminados possam atribuir a discriminação ao preconceito de que são objecto, e não a factores que lhe seriam intrínsecos. Neste caso, podemos predizer que quanto maior a percepção de discriminação, mais positiva a imagem do endogrupo e mais negativa a imagem do exogrupo.

Podemos convocar, também, a teoria da identidade social (Tajfel, 1982; Tajfel, & Turner, 1979) para enquadrar os resultados que vamos apresentar. Como predito por esta teoria, tendemos a construir uma imagem mais positiva do endogrupo do que do exogrupo. Será nomeadamente quando o baixo estatuto de um grupo é percebido como ilegítimo (Tajfel e Turner, 1979), ou numa situação de ameaça (por exemplo, a percepção de discriminação), que o favoritismo pelo endogrupo será maior (e.g., Henderson-King, Henderson-King, Zhermer, Posokhova, & Chiker, 1997) e, muito provavelmente, a imagem do exogrupo será mais negativa.

Finalmente, a hipótese que apresentámos pode, ainda, ser enquadrada pelo modelo dos conflitos realistas (Sherif, Harvey, White, Hood, & Sherif, 1961 / 1988). Como sabemos, de acordo com este modelo, e para compreender os comporta-

mentos intergrupais, será necessário analisar as relações funcionais que se estabelecem entre os grupos, relações essas que podem ser de competição ou de cooperação. Neste contexto, a percepção de cooperação entre grupos, ou de interdependência positiva, pode dar lugar a comportamentos positivos, enquanto que a competição, ou a percepção de interdependência negativa, pode dar origem a comportamentos desfavoráveis e derogatórios do exogrupo. Daqui resulta que, ao perceberem interdependência negativa, os membros de grupos minoritários podem desenvolver imagens mais negativas dos grupos dominantes, ao mesmo tempo que percebem o seu grupo como mais positivo nas mesmas características.

É no confronto desta perspectiva que desenvolvemos a análise dos dados que apresentamos sobre os efeitos da percepção de discriminação na imagem do endogrupo (os jovens “negros”) e na imagem do exogrupo (os portugueses “brancos”).

Método

Os dados recolhidos para testar as nossas hipóteses foram obtidos através de 400 entrevistas realizadas junto de jovens “negros”, com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, e residentes na área urbana de Lisboa (Lisboa, Amadora, Cascais, Loures, Oeiras, Almada, Moita e Seixal). A distribuição destas 400 entrevistas pelos Concelhos foi feita de forma quase-proporcional, recorrendo-se ao cruzamento de informação proveniente de fontes oficiais diversas.

Após a distribuição dos questionários pelos concelhos, foram definidas quotas com base em três critérios: o sexo, a idade e as habilitações literárias. Assumindo-se que o universo apresentaria características idênticas à da população nacional, estas quotas foram, assim, construídas com base nos dados do Instituto Nacional de Estatística (Inquérito ao Emprego, 1998). A amostra final por critérios de estratificação é apresentada no quadro 1. Os desvios, embora reduzidos, entre a amostra final e a de partida devem-se a dificuldades de inquirição, apresentando aquela uma sobre-representação de indivíduos com escolaridade elevada². Coube a cada entrevistador identificar como “negro” os jovens a incluir na quota respectiva.

Quadro 1 - Distribuição das entrevistas pelos estratos de inquirição

Escalões etários	15-19 anos				20-24 anos				25-29 anos				Total	
	Sexo		Sexo		Sexo		Sexo		Sexo					
Habilitações	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
< 6º ano	15	3.8	12	5.5	22	5.5	25	6.3	29	7.3	30	7.5	133	33.25
7º - 9º ano	16	4.0	16	2.5	10	2.5	12	3.0	11	2.8	11	2.8	76	19.00
10º - 12º ano	31	7.8	30	3.8	15	3.8	15	3.8	10	2.5	10	2.5	111	27.75
> 12º ano	0	0.0	0	5.8	23	5.8	22	5.5	18	4.5	17	4.3	80	20.00
Total	62	15.5	58	14.5	70	17.5	74	18.5	68	17.0	68	17.0	400	100.00

A recolha dos dados foi realizada em 1999, e foi objecto de um acompanhamento metodológico contínuo. Além disso, a supervisão no terreno foi realizada, tendo 10% das aplicações efectuadas por cada um dos entrevistadores sido alvo de um *controlo presencial*. Para além do controlo presencial, foram ainda supervisionadas telefonicamente mais 10% das entrevistas realizadas por cada entrevistador. A revisão dos questionários foi efectuada, tendo, nalguns casos, obrigado a novos contactos. Após a codificação dos questionários, procedeu-se à verificação de uma amostra aleatória de 10% dos mesmos.

Resultados

1. Percepção de discriminação grupal e pessoal e imagem sobre os portugueses “brancos”: Atribuição de traços positivos e negativos

Como referimos anteriormente, o objectivo do presente trabalho é o de analisar a imagem que os jovens “negros” constroem dos portugueses “brancos” e deles próprios. Assim, esta imagem será descrita a dois níveis: por um lado, os traços que os jovens percebem como característicos dos portugueses “brancos”; por outro, as emoções que lhes atribuem. Começamos, justamente, por analisar a atribuição de traços positivos e negativos

O que os jovens “negros” pensam que os portugueses “brancos” pensam deles

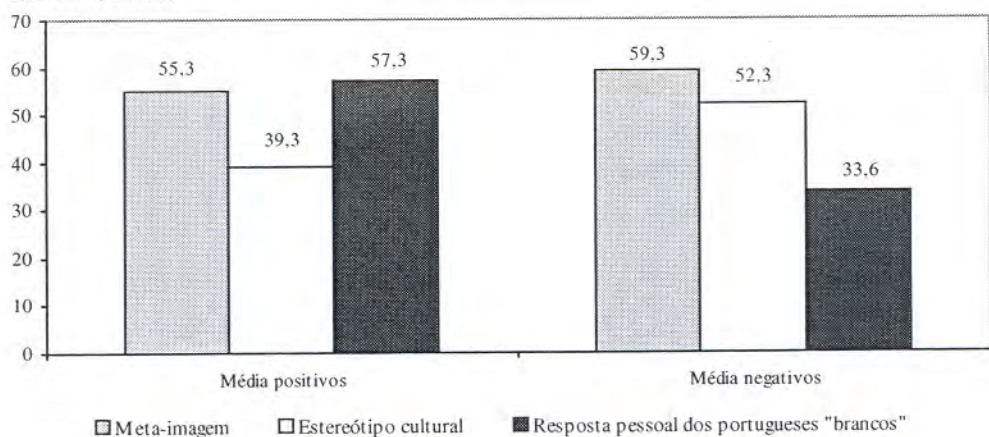
Uma das formas pelas quais podemos caracterizar um grupo e os seus membros é através da atribuição de traços positivos e negativos tais como, por exemplo, a inteligência, a agressividade, a desonestidade. A literatura relativa à atribuição deste tipo de traços psicológicos tem incidido, especialmente, na forma como um grupo específico descreve outros grupos, ou o seu próprio grupo, nestas dimensões. Mas pouca atenção tem sido dada à forma como os membros de um grupo percebem os traços que lhes são atribuídos por um exogrupo (veja-se, no entanto, Vorauer, Main, & O’Connell, 1998; Vorauer, Hunter, Main, & Roy, 2000; Alexandre, 2003), isto é, aos “meta-estereótipos” (ou “meta-traços”) que definem a imagem pública do seu grupo (Vorauer, Main, & O’Connell, 1998; Klein & Azzi, 2001; Gómez, 2002). Os dados que recolhemos juntos dos jovens “negros” permitem, justamente, analisar o “meta-estereótipo” que estes percebem que os caracteriza junto dos portugueses “brancos”³. Em bom rigor, quando falamos de “meta-estereótipos” estamos a referir-nos a “meta-traços”, ou a uma “meta-imagem”, dado que os traços que utilizamos neste estudo não foram escolhidos por serem

estereotípicos dos grupos em causa, mas sim por serem atributos importantes na caracterização de pessoas. No resto deste capítulo utilizaremos, portanto, o termo “meta-imagem” como equivalente de “meta-estereótipo”.

Estes dados permitem avaliar, ainda, a correspondência entre a “meta-imagem” e os traços efectivamente atribuídos pelos portugueses “brancos”, através da sua comparação com outros dados provenientes de um estudo sobre o racismo anti-negro em Portugal (Vala et al., 1999).

Vamos, assim, comparar três tipos de dados. A meta-imagem, quer dizer, os traços que os jovens acham que os portugueses “brancos” lhes atribuem⁴; os traços efectivamente atribuídos pelos portugueses “brancos” (“estereótipo pessoal”); e o “estereótipo cultural”, ou seja, os traços que os portugueses “brancos” consideram que a maioria deles atribui aos “negros”⁵. Note-se, contudo, que não podemos falar, realmente, de um “estereótipo pessoal”, mas de uma “imagem pessoal” dos portugueses “brancos” relativamente aos “negros” (para uma discussão mais aprofundada destes conceitos, ver Devine, 1989; Devine, & Elliot, 1995; Krueger, 1996; ver também Garcia Marques, 1999; Marques, & Paez, 2000), bem como não pudemos referir-nos a um “estereótipo cultural”, mas sim a uma “imagem cultural” dos portugueses “brancos” relativamente ao “negros”.

Figura 1 - Meta-imagem, imagem cultural e atribuição efectiva de traços a “negros” pelos portugueses “brancos” (médias)



Como se pode observar na Figura 1, a percepção de atribuição de traços positivos não está muito longe da média de traços positivos que efectivamente os portugueses “brancos” atribuíram aos “negros”. No entanto, esta percepção afasta-se bastante da média de respostas relativas ao estereótipo cultural, mais propriamente à imagem cultural. Assim, a resposta dos jovens está mais próxima da imagem pessoal dos portugueses “brancos” do que da resposta que estes mesmos portugueses acham que os

outros dariam (a imagem cultural). Já no que diz respeito aos traços negativos, as respostas são um pouco diferentes: a meta-imagem dos jovens aproxima-se bastante da imagem cultural e afasta-se da imagem pessoal dos portugueses “brancos”. Isto significa que os jovens percebem que os portugueses “brancos” os discriminam de uma forma flagrante (mais traços negativos do que positivos), enquanto que os portugueses lhe atribuem mais traços positivos do que negativos (embora considerem que a sociedade em geral tem uma imagem mais negativa do que positiva destes jovens).

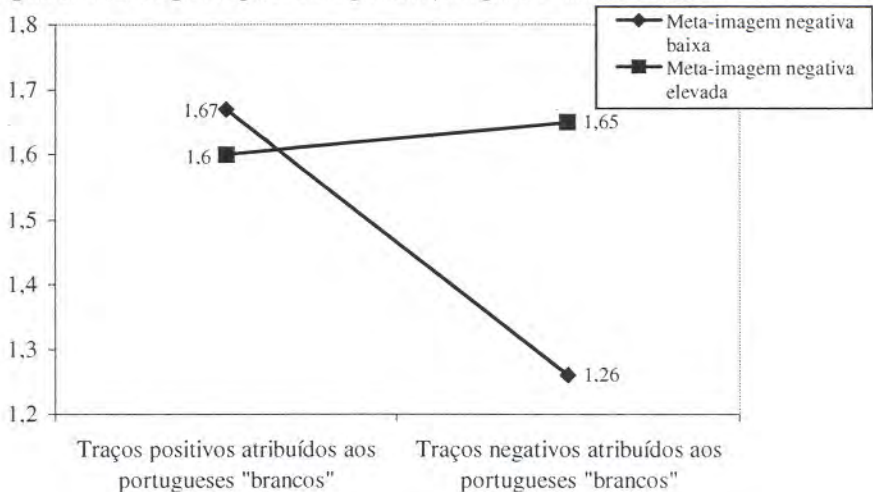
A pergunta que colocamos de seguida é a de saber qual a influência desta percepção na imagens que os jovens constroem dos “brancos” e da sociedade portuguesa.

Percepção de discriminação grupal, meta-imagem e imagens dos portugueses “brancos”

Para responder à pergunta que colocámos acima, realizámos duas análises de variância. Na primeira, tomámos como variável independente entre-sujeitos a meta-imagem positiva⁶ (alta vs. baixa) e como variável independente intra-sujeitos os traços positivos e negativos atribuídos aos portugueses “brancos” (valência). A variável dependente é o número de traços atribuídos pelos jovens “negros” aos portugueses “brancos”⁷. Na segunda análise, a variável independente entre-sujeitos é a meta-imagem negativa (alta vs. baixa).

A primeira análise de variância não mostrou quaisquer efeitos da meta-imagem positiva sobre a imagem dos portugueses. Na segunda análise de variância, realizada com a meta-imagem negativa, não se obtiveram efeitos principais, mas sim um efeito de interacção entre esta variável e a valência dos traços atribuídos aos portugueses²⁶ (ver Figura 2).

Figura 2: Meta-imagem negativa e imagem dos portugueses “brancos” (médias)



Como se pode observar na Figura 2, o efeito de interação mostra que a atribuição dos traços positivos aos portugueses “brancos” não é influenciada pela meta-imagem negativa. Contudo, e relativamente aos traços negativos, estes são mais atribuídos aos portugueses brancos quando os jovens percebem que os portugueses os caracterizam de uma forma negativa. De uma forma geral, estes resultados podem ser associados à hipótese da invalidação dos juízos e comportamentos discriminatórios (Croker & Major, 1989; Schmader et al. 2001).

Percepção de discriminação pessoal e imagem dos portugueses “brancos”

Analisámos, até aqui, a imagem que os jovens consideram que os “brancos” têm do seu grupo, bem como a influência que esta imagem exerce sobre a atribuição de traços positivos e negativos aos portugueses. De seguida, vamos estudar o impacto da percepção de discriminação pessoal a nível desta imagem. Ou seja, enquanto na análise anterior se mostrou como a meta-imagem (uma dimensão grupal) afectava a imagem do exogrupo, vamos ver agora como é que o modo como os jovens se sentem pessoalmente tratados influencia a imagem que têm dos portugueses.

Realizámos uma análise de variância, na qual tomámos como variáveis independentes intra-sujeitos a valência de traços atribuídos (traços positivos e traços negativos) e o grupo de pertença (“negros” e “brancos”)⁸, e como variável independente entre-sujeitos a percepção de discriminação pessoal; a variável dependente utilizada nesta análise foi o número de traços atribuídos a “negros” e “portugueses brancos”.

Quadro 2: Discriminação pessoal e atribuição de traços positivos e negativos a negros e portugueses “brancos” (análise de variância)

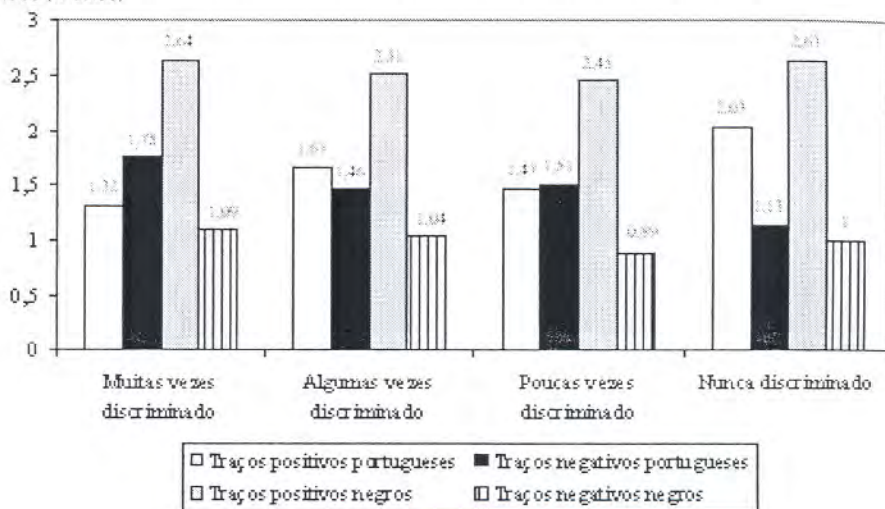
Efeitos	F	gl	p
Discriminação pessoal	0,60	1,198	0,617
Grupo	26,64	1,198	0,000
Valência	155,46	1,198	0,000
Discriminação pessoal X grupo	0,46	3,198	0,708
Discriminação pessoal X valência	4,10	3,198	0,008
Grupo X valência	156,47	1,198	0,000
Discriminação pessoal X grupo X valência	5,07	3,198	0,002

Como se pode observar no Quadro 2, o efeito principal do grupo mostra que são atribuídos mais traços ao endogrupo (os “negros”) do que ao exogrupo (os portugueses “brancos”)⁹. Este resultado indica que os jovens constroem uma imagem mais rica e mais humanizada do seu grupo do que do grupo dos portugueses “brancos”, na medida em que homogeneizam estes últimos de forma mais acentu-

ada. O efeito principal da valência mostra que são atribuídos mais traços positivos do que negativos¹⁰. Trata-se de um efeito clássico de positividade nas avaliações sociais. Esta análise mostrou, também, uma interacção significativa entre o grupo e a valência. Esta interacção evidencia que a imagem do endogrupo não só é mais rica, como é mais positiva do que a imagem do exogrupo: são atribuídos mais traços positivos do que negativos ao endogrupo¹¹, enquanto se atribuem igual número de traços negativos e positivos ao exogrupo¹².

Obtivemos, ainda, uma interacção entre a discriminação pessoal e a valência que, como os resultados anteriores, é qualificada por uma interacção tripla entre a discriminação pessoal, o grupo e a valência dos traços atribuídos (ver Figura 3).

Figura 3: Efeito de interacção entre a discriminação pessoal, o grupo e a valência dos traços atribuídos (médias)



A interacção tripla apresentada na Figura 3 mostra que enquanto a atribuição de traços positivos e negativos ao endogrupo não é moderada pela percepção de discriminação pessoal¹³, esta moderação verifica-se na atribuição de traços ao exogrupo, especificamente no caso dos traços positivos¹⁴. Ou seja, quando os jovens se sentem pessoalmente discriminados, constroem uma imagem menos positiva dos portugueses “brancos”. Mais uma vez, estes resultados suportam a hipótese da invalidação de juízos e comportamentos discriminatórios que expusemos anteriormente.

Mas estes resultados podem, também, ser lidos à luz da teoria da identidade social (Tajfel, 1982; Tajfel, & Turner, 1979). Como predito por esta teoria, e mostrado pelos nossos resultados, os jovens constroem uma imagem mais positiva do seu grupo do que do grupo dos portugueses. Por outro lado, é nomeadamente numa

situação de ameaça (percepção de discriminação) que o favoritismo pelo endogrupo é maior. Este favoritismo manifesta-se não só pela construção de uma imagem mais positiva do endogrupo do que do exogrupo, mas também pela construção de uma imagem mais rica, menos homogênea e mais humanizada do endogrupo (para uma revisão, ver Cabecinhas, 2002)¹⁵. Verificamos, aqui, um processo isomórfico do processo de construção de imagem sobre os “negros” por parte dos portugueses “brancos”, posta em evidência no estudo sobre racismo que realizámos anteriormente¹⁶. Porém, enquanto no caso dos jovens o favoritismo pelo endogrupo é resultado da percepção de discriminação, no caso dos “brancos” ele resulta de uma estratégia de legitimação da superioridade do seu estatuto e, portanto, de validação das assimetrias intergrupais e das teorias sociais que as sustentam.

Vimos, também, que os jovens fazem favoritismo endogrupal mas não derrogação exogrupal, isto é, atribuem mais traços positivos do que negativos ao endogrupo, mas não mais traços negativos do que positivos ao exogrupo. Esta estratégia foi posta, até agora, em evidência no caso de grupos simétricos (Mummendey, 1995; ver, ainda, Brito, 1998) e no caso das relações dos grupos majoritários com grupos minoritários, nomeadamente no que toca ao racismo (e.g., Pérez, Mugny, Llavata, & Fierres, 1993; Pérez, 1996; Gaertner, & McLaughlin, 1983; Vala *et al.*, 1999), mas não no caso de grupo minoritários relativamente aos majoritários. Desta forma, os nossos resultados apontam para um princípio geral, de natureza socio-normativa, de acordo com o qual a identidade positiva do endogrupo deve ser construída através da auto-atribuição de traços positivos, e não através da atribuição de traços negativos ao exogrupo. Mesmo um grupo discriminado, como no caso destes jovens, reage à discriminação através da construção de uma imagem não negativa, mas menos positiva da fonte de discriminação percebida.

Interdependência, identidade e imagens dos portugueses “brancos”

Se, na linha dos resultados anteriores, a construção de uma identidade social positiva pode ser conseguida através de uma imagem mais positiva do endogrupo do que do exogrupo, então os indivíduos que se identificam com as suas origens africanas e não com Portugal devem construir uma imagem mais positiva do endogrupo do que do exogrupo, mas não uma imagem mais negativa do exogrupo do que do endogrupo. Por outro lado, e de acordo com o modelo dos conflitos realistas de Sherif e colaboradores (1961 / 1988), a percepção de cooperação, ou de interdependência positiva, pode dar lugar a comportamentos positivos entre os grupos, enquanto que a competição, ou a percepção de interdependência negativa, pode dar origem a comportamentos desfavoráveis e derogatórios do exogrupo.

Para testar estas hipóteses, construímos duas novas variáveis dependentes: a atribuição intergrupar de traços positivos (favoritismo do endogrupo) e negativos (derrogação do exogrupo)¹⁷. Como variáveis independentes utilizámos indicadores de percepção de interdependência positiva e negativa e um indicador de identificação primária com o endogrupo¹⁸. Estas variáveis foram introduzidas em equações de regressão (ver Quadro 3).

Quadro 3- Percepção de atribuição de traços positivos e negativos (regressão múltipla)

Preditores	Atribuição intergrupar de traços positivos (favoritismo endogrupal) R ² Ajustado = 0,05		Atribuição intergrupar de traços negativos (derrogação exogrupal) R ² Ajustado = 0,04	
	Beta	p	Beta	p
Interdependência negativa	0,04	ns	0,16	0,02
Interdependência positiva	0,08	ns	-0,15	0,04
Identificação primária	0,24	0,00	0,02	ns

Como se pode observar, a interdependência positiva e negativa são preditores da atribuição intergrupar de traços negativos, mas não a variável relativa à identidade social. Contudo, esta última variável prediz a atribuição intergrupar de traços positivos, o que não sucede com as percepções de interdependência. Em conclusão, para defender a identidade positiva do seu grupo os jovens constroem uma imagem mais positiva desse mesmo grupo do que dos portugueses “brancos”, mas só constroem uma imagem negativa dos portugueses “brancos” quando entendem que existe um conflito de interesses, ou uma interdependência negativa, entre os dois grupos. Mais uma vez se verifica a hipótese de que a identidade social conduz ao favoritismo pelo endogrupo mas não, necessariamente, à derrogação do exogrupo (Mummendey, 1995). Estes dados mostram, contudo, que estes resultados se podem obter não só com relações simétricas, mas também com relações assimétricas. Os nossos resultados suportam, também, a hipótese dos conflitos realistas, nomeadamente no que toca à percepção de interdependência negativa, isto é, quando está saliente um contexto de conflito entre “negros” e portugueses “brancos”.

2. Percepção de discriminação e imagens dos portugueses “brancos”: expressão de emoções positivas e negativas

Como vimos anteriormente, os jovens constroem estratégias de atribuição de traços positivos e negativos ao seu grupo e ao grupo dos portugueses “brancos” que se estruturam em função da percepção de discriminação, mas também em função da percepção de interdependência e da identidade social. Contudo, e como vem sendo

sublinhado por vários autores, os tipos de traços percebidos como característicos de um grupo não são a única dimensão que nos permite perceber a dinâmica das relações intergrupais (por exemplo, a diferenciação intergrupala), nem as imagens mútuas que os grupos constroem. De facto, neste domínio, as dimensões emocionais destas imagens têm vindo a revelar-se pelo menos tão importantes como as dimensões cognitivas (por exemplo, a atribuição de valores e de traços) (ver Dijker, 1987; Haddock, Zanna, & Esses, 1994; Smith, 1997; Vala, 1997; Vala *et al.*, 1999; Brewer, & Alexander, 2002; ver também Leyens e Désert, 2003). Por exemplo, os resultados empíricos de Haddock e colegas (1994), bem como de Vala (1997), mostram que as imagens de um grupo sobre o outro podem basear-se mais na expressão intergrupala de emoções do que em crenças estereotípicas. Também Smith (1997; Mackie, & Smith, 1998; Mackie, Devos, & Smith, 2000) propõe que o preconceito é uma reacção emocional geralmente negativa face a um exogrupo, e que a discriminação é um comportamento orientado por essa reacção emocional negativa. As emoções parecem desempenhar, assim, um importante papel na regulação das relações intergrupais.

Na linha de Haddock e colegas e de Smith (1997), Vala e colaboradores (1999), ao analisarem os preditores das atitudes dos portugueses “brancos” face aos “negros”, mostraram que a variância explicada da atitude é fortemente aumentada quando se acrescenta a atribuição intergrupala de emoções à atribuição intergrupala de traços (10% para 21%), sugerindo que as emoções ajudam a compreender melhor a atitude negativa dos portugueses face aos negros do que os traços psicológicos que os portugueses consideram característicos dos negros¹⁹.

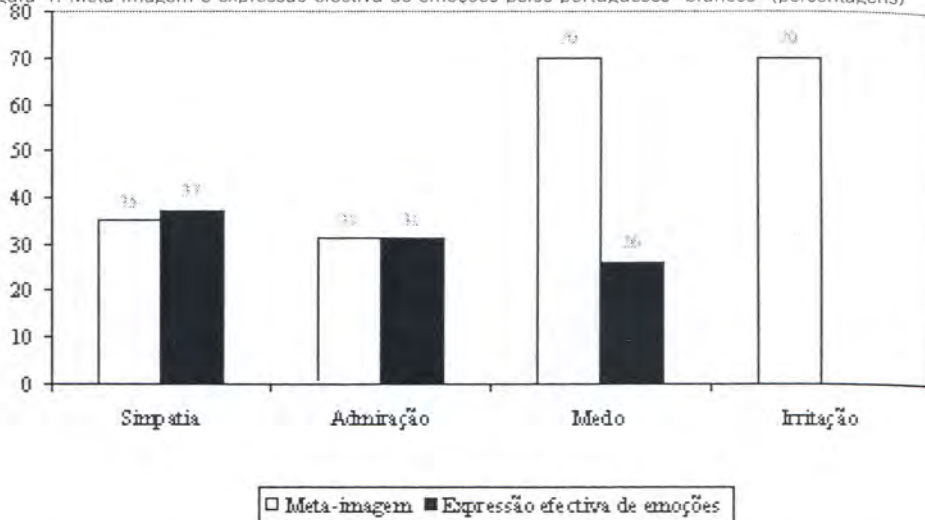
Uma vez que estamos a descrever as imagens que os jovens têm acerca dos portugueses “brancos” importa, conseqüentemente, perceber o papel das emoções na construção destas imagens. Começaremos por analisar a meta-imagem em termos das emoções positivas e negativas, tal como fizemos para a atribuição de traços. De seguida, analisaremos as estratégias de expressão de emoções positivas e negativas dos jovens relativamente aos portugueses “brancos”, procurando compreender se estas estratégias se encontram ligadas à discriminação percebida, à identidade e à percepção de interdependência.

O que os jovens “negros” pensam que os portugueses “brancos” sentem sobre eles: expressão de emoções positivas e negativas

À semelhança do que realizámos para os traços, vamos analisar a meta-percepção de emoções dos jovens relativamente aos portugueses “brancos”. Na Figura 4, apresentamos a percepção da percentagem de portugueses que expressaram emoções positivas e negativas relativamente aos “negros”²⁰. Na mesma figura, apresenta-se, também,

a expressão efectiva de emoções dos portugueses “brancos” relativamente aos “negros”. A fonte destes últimos dados é o estudo sobre o racismo em Portugal já referido.

Figura 4: Meta-imagem e expressão efectiva de emoções pelos portugueses “brancos” (percentagens)



Como se pode verificar na Figura 4, a nível da expressão de emoções positivas a percepção dos jovens é coincidente com a resposta efectiva dos portugueses. Contudo, e no que diz respeito às emoções negativas, o padrão de respostas é algo diferente: como se pode observar, os inquiridos afirmam que os portugueses disseram sentir mais medo do que na realidade estes expressaram sentir. De forma idêntica ao que questionámos anteriormente, será que este padrão de percepções se repercute nas estratégias de expressão de emoções dos jovens “negros” relativamente aos portugueses “brancos”? E como é que outras medidas de discriminação influenciam essa mesma expressão de emoções? São estas questões que analisaremos de seguida.

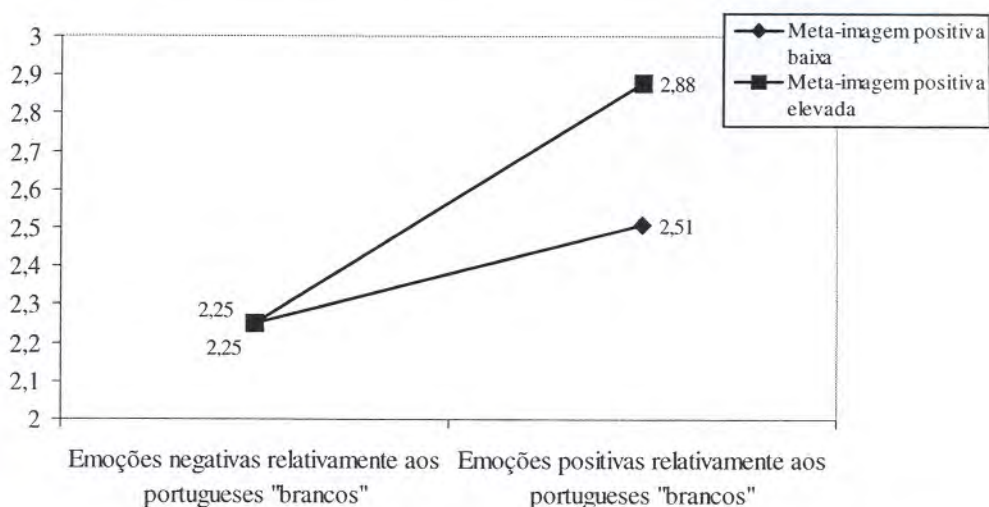
Meta-imagem e expressão de emoções relativamente aos portugueses “brancos”

Para analisarmos o impacto da meta-imagem na expressão de emoções positivas e negativas relativamente aos portugueses “brancos”, realizámos análises de variância tomando como variáveis independentes intra-sujeitos a expressão de emoções positivas e negativas relativamente a este grupo, e como variáveis independentes entre-sujeitos as meta-imagens positivas e negativas²¹. A variável dependente é a frequência de expressão de emoções²².

A primeira análise de variância, tendo como variável independente entre-sujeitos a meta-imagem positiva, evidenciou efeitos principais da meta-imagem e

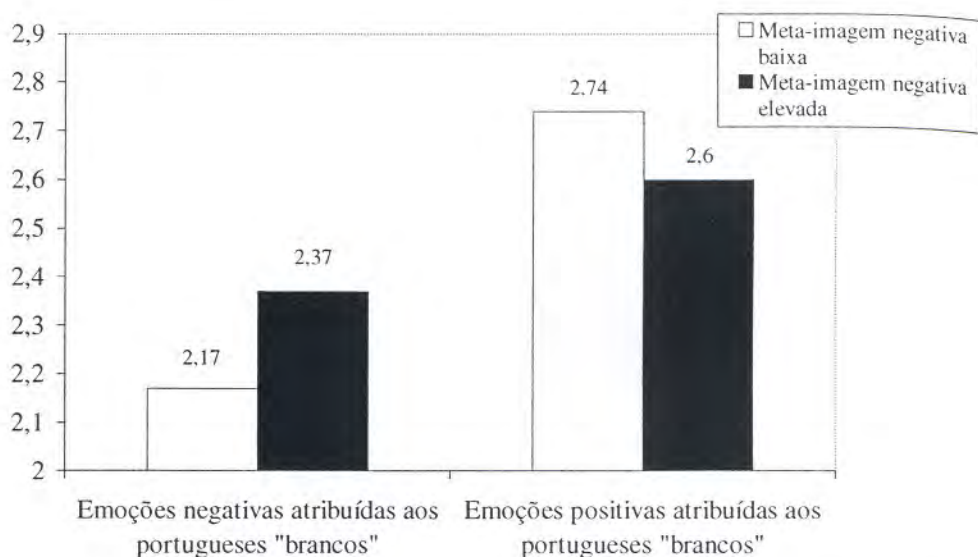
da valência das emoções expressas e um efeito de interação entre esta variável e a meta-imagem positiva²³. O efeito principal da meta-imagem mostra que a expressão de emoções é mais intensa quando a meta-imagem é positiva do que quando é negativa²⁴. O efeito principal da valência mostra que são expressas mais emoções positivas do que negativas relativamente aos portugueses "brancos"²⁵. O efeito de interação evidencia que a meta-imagem influencia, de forma clara, a expressão de emoções positivas, mas não a expressão de emoções negativas (ver Figura 5). Isto é, os jovens expressam mais emoções positivas relativamente aos portugueses quando consideram que estes têm uma imagem mais positiva dos negros²⁶.

Figura 5: Meta-imagem positiva e expressão de emoções positivas e negativas relativamente aos portugueses brancos (médias)



A segunda análise de variância, tomando como variável independente entre-sujeitos a meta-imagem negativa, mostra um efeito principal da valência e um efeito de interação entre esta variável e a meta-imagem negativa²⁷. O efeito principal da valência mostra, como anteriormente, que os jovens expressam mais emoções positivas do que negativas²⁸. O efeito de interação é apresentado na Figura 6.

Figura 6: Meta-imagem negativa e expressão de emoções positivas e negativas aos portugueses “brancos” (médias)



O efeito de interação obtido para a meta-imagem negativa, mostra que, apesar de se exprimirem sempre mais emoções positivas do que negativas, as emoções positivas são mais expressas quando a meta-imagem negativa é baixa, enquanto que as emoções negativas são mais expressas quando a meta-imagem negativa é alta. Os resultados mostram, assim, que os jovens exprimem sentimentos positivos relativamente aos portugueses “brancos”. Contudo, a expressão destes sentimentos é moderada pela meta-imagem.

Percepção de discriminação pessoal e expressão de emoções relativamente aos “negros” e aos portugueses “brancos”

Mostrámos a influência da meta-imagem na expressão de emoções relativamente aos portugueses “brancos”. A pergunta que colocamos de seguida é a de saber se a estratégia de expressão de emoções positivas e negativas ao endogrupo (“negros”) e ao exogrupo (portugueses “brancos”) está associada à discriminação pessoal. Realizámos uma análise de variância tomando como variáveis independentes intra-sujeitos a valência das emoções (positiva e negativa) e o grupo alvo de atribuição de emoções (endogrupo: “negro”; exogrupo: portugueses “brancos”) e como variável independente entre-sujeitos a discriminação pessoal percebida pelos jovens. A variável dependente é a intensidade de emoções expressas. Um sumário destes resultados é apresentado no Quadro 4.

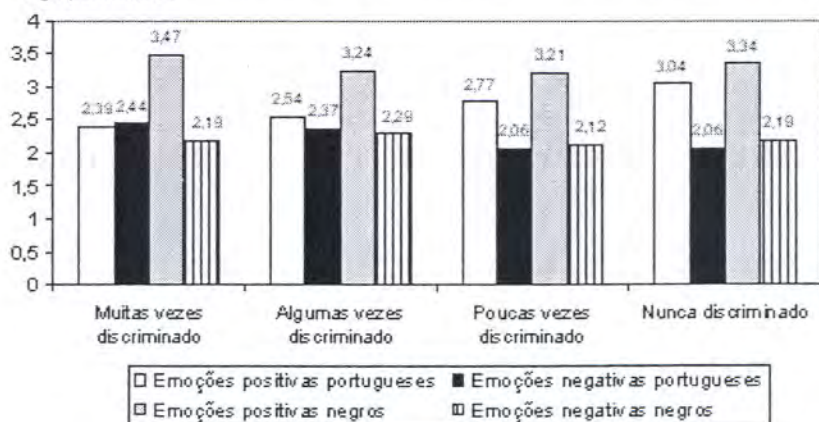
Quadro 4: Discriminação pessoal e expressão de emoções relativamente a “negros” e portugueses “brancos” (análise de variância)

	F	gl	p
Discriminação pessoal	0,74	1,194	0,530
Grupo	85,37	1,194	0,000
Valência	237,99	1,194	0,000
Discriminação pessoal X grupo	1,59	3,194	0,193
Discriminação pessoal X valência	5,62	3,194	0,001
Grupo X valência	48,96	1,194	0,000
Discriminação pessoal X grupo X valência	6,24	3,194	0,000

O efeito principal do grupo mostra que a expressão das emoções é mais frequente no caso do endogrupo do que no caso do exogrupo. Por outro lado, o efeito da valência das emoções salienta que os inquiridos expressam mais emoções positivas do que negativas. Esta análise de variância mostrou, ainda, efeitos de interacção significativos entre a discriminação pessoal e a valência das emoções, e entre esta última variável e o grupo alvo. O primeiro destes efeitos de interacção mostra que quando se verifica percepção de discriminação pessoal se exprimem mais emoções negativas, sendo constante o grau de expressão de emoções positivas. O segundo efeito de interacção evidencia que os jovens expressam mais emoções positivas para com o endogrupo do que para com o exogrupo²⁹, enquanto que não existem diferenças significativas na atribuição de emoções negativas aos dois grupos³⁰.

Finalmente, esta análise mostrou a existência de um efeito de interacção triplo entre o grupo, a valência das emoções e a discriminação pessoal (ver Figura 7). Esta interacção mostra que os jovens expressam emoções negativas de forma semelhante relativamente ao seu grupo e ao grupo dos portugueses “brancos”, mas expressam menos emoções positivas ao exogrupo quando percebem que são pessoalmente discriminados.

Figura 7: Efeito de interacção entre a discriminação pessoal, a valência das emoções e o grupo (médias)



De seguida, estudámos, também, as relações entre a identidade, as percepções de interdependência e a expressão intergrupual de emoções. Retomamos as hipóteses formuladas anteriormente, isto é, esperamos que a identidade seja um preditor da expressão intergrupual de emoções positivas, e que a interdependência seja um preditor da expressão intergrupual de emoções negativas.

Quadro 5: Preditores da expressão de emoções positivas relativamente “negros” e portugueses “brancos” (regressão múltipla)

Preditores	Expressão integrupual de emoções positivas (favoritismo endogrupal) R ² Ajustado = 0,16		Expressão integrupual de emoções negativas (derrogação exogrupal) R ² Ajustado = 0,08	
	Beta	p	Beta	p
Interdependência positiva	0,00	ns	0,00	ns
Interdependência negativa	0,35	0,00	0,29	0,00
Identificação primária	0,18	0,01	0,06	ns

Como se pode ver no Quadro 5, os indicadores que melhor predizem a atribuição intergrupual de emoções positivas são a interdependência negativa e a identificação primária, ou seja, são os sujeitos que percebem incompatibilidade de interesses entre “brancos” e “negros” em Portugal e aqueles que se identificam com categorias identitárias que não a “portuguesa”, os que mais expressam emoções positivas em relação ao seu grupo e menos relativamente aos “portugueses”. Por outro lado, a análise de regressão revelou que os inquiridos que mais expressam emoções negativas aos portugueses “brancos” são os que maior interdependência negativa percebem existir entre os dois grupos.

Conclusões

Neste capítulo analisámos as imagens que os jovens “negros” constroem sobre os portugueses “brancos”. Estas imagens reflectem as meta-imagens de que os jovens “negros” julgam que são alvo. De facto, estes jovens constroem uma imagem mais negativa dos portugueses “brancos” quando consideram que estes avaliam negativamente os “negros” enquanto grupo. Da mesma forma, a percepção de discriminação pessoal reflecte-se, também, na imagem dos portugueses: os jovens que se sentem pessoalmente discriminados constroem uma imagem menos positiva dos portugueses “brancos”.

Verificámos, ainda, que o favoritismo endogrupal (mais atribuição de traços positivos ao grupo dos “negros” do que ao grupo dos “brancos”) é maior entre os jovens que se identificam com as suas origens africanas; e que a derrogação exogrupal (atribuição de mais traços negativos aos “brancos” do que aos “negros”) se verifica

quando os jovens consideram que existe incompatibilidade de interesses entre “brancos” e “negros”. Quer dizer, para defender a identidade positiva do seu grupo, os jovens constroem uma imagem mais positiva desse mesmo grupo do que dos portugueses “brancos”, mas só constroem uma imagem mais negativa destes em situação de percepção de conflito de interesses. Mostrou-se, ainda, que a identificação com grupos associados à origem africana destes jovens facilita o favoritismo endogrupal, enquanto que a percepção de interdependência negativa facilita a derrogação exogrupal.

Como se referiu, o tipo de traços percebidos como característicos dos grupos, bem como as imagens mútuas, não são as únicas dimensões que ajudam a entender as relações intergrupais. Estudos recentes têm posto em evidência a base emocional do preconceito, mostrando que as emoções desempenham um importante papel na regulação das relações intergrupais. Também o nosso estudo mostrou que as emoções são um importante organizador das imagens dos jovens “negros” sobre os portugueses “brancos”. Estes jovens consideram que os portugueses expressam mais emoções negativas acerca deles do que, de facto, estes o fazem. Consequentemente, quando consideram que os portugueses expressam menos emoções positivas ou mais emoções negativas acerca deles, expressam, por sua vez, menos emoções positivas relativamente aos portugueses “brancos”.

Verificou-se, também, que a menor expressão de emoções positivas relativamente aos portugueses “brancos” se encontra entre os jovens que se sentem pessoalmente discriminados, ou seja, quanto mais estes jovens consideram que o seu grupo é discriminado, mais expressam emoções positivas relativamente ao seu grupo e menos relativamente ao grupo dos portugueses “brancos”. Contudo, não se encontraram quaisquer diferenças na expressão de emoções negativas quer relativamente ao endogrupo (os “negros”), quer ao exogrupo (os portugueses “brancos”).

Adicionalmente, estes mesmos resultados prestam apoio, tal como os resultados dos traços que resumimos anteriormente, às perspectivas da identidade social de Tajfel e ao modelo dos conflitos realistas de Sherif e colaboradores. Neste sentido, os jovens “negros” mostraram uma imagem mais positiva do seu próprio grupo quando se identificam com categorias que remetem para a sua origem africana. Quanto ao modelo dos conflitos realistas, os nossos resultados mostram que quanto mais estes jovens percebem que existem conflitos de interesses entre o seu grupo e os portugueses “brancos”, ou seja, um sentimento de interdependência negativa, mais eles tendem a expressar emoções negativas relativamente a estes últimos.

Os resultados apresentados neste capítulo prestam, assim, apoio genérico à hipótese que colocámos inicialmente, bem como sustentam o “modelo da invalidação de juízos e comportamentos discriminatórios” proposto por Croker e

Major (1989; Schmader, Major, & Gramzow, 2001). Lembre-se que este modelo propõe que a percepção de discriminação reveste um reduzido impacto psicológico, quando aqueles que são alvos de discriminação, no nosso caso os jovens “negros”, atribuem a discriminação ao preconceito e não a factores internos. De uma forma global, os nossos resultados apoiam, também, as explicações sustentadas pela teoria da identidade social de Tajfel, nomeadamente quando os grupos dominados entendem que são objecto de discriminação. Genericamente, os resultados apoiam, ainda, o modelo dos conflitos realistas de Sherif e colaboradores, especificamente no que toca à explicação da derrogação exogrupal.

Notas

¹ O presente capítulo apresenta alguns dos resultados de um trabalho mais vasto realizado no âmbito da segunda fase do Observatório da Juventude, um Programa de Estudo desenvolvido pelo Instituto de Ciências Sociais, co-financiado pela Secretaria de Estado da Juventude, e dirigido por Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (ver Vala, 2004).

² Aliás, a amostra final revela alguma consistência com outros resultados obtidos em estudos anteriores com inquiridos semelhantes (ver nomeadamente, Baganha, Ferrão e Malheiros, 1998; Pires, 1999; Baganha, Marques e Fonseca, 2000).

³ A saliência destes traços, e a sua avaliação como traços caracteristicamente positivos ou negativos, foi objecto de um pré-teste (cf., Vala et al., 1999).

⁴ Todas as questões sobre atribuição de traços foram colocadas a 50% da amostra. Os restantes 50% responderam a perguntas sobre emoções.

⁵ No estudo sobre os racismos em Portugal (Vala et al., 1999), era perguntado aos portugueses “brancos” quais os traços que se considerava que a maioria dos portugueses atribuiria a um negro típico (imagem cultural), seguido dos traços que traduziam a sua opinião pessoal (imagem pessoal). Especificamente, neste estudo os inquiridos eram confrontados com uma lista de oito traços: quatro deles positivos (alegre, bonito, inteligente e trabalhador) e quatro deles negativos (desonesto, egoísta, impulsivo e agressivo).

⁶ Os índices de meta-imagem positiva e negativa foram construídos a partir da soma relativa da percepção dos jovens negros relativamente aos traços positivos e negativos que eles consideram que os portugueses “brancos” lhes atribuem. Por sua vez, e para efeito das análises de variância, estes indicadores foram recodificados em duas posições, tomando como ponto de corte a mediana: (1) Baixa percepção de meta-imagem negativa / positiva; (2) Elevada percepção de meta-imagem negativa / positiva.

⁷ No questionário, pedíamos aos inquiridos que indicassem “Quais das seguintes

características ou traços melhor traduzem a sua opinião pessoal sobre um português «branco»: alegre, desonesto, inteligente, egoísta, trabalhador, agressivo”.

⁸ $F(1,190) = 5.24, p < 0,02$.

⁹ No nosso questionário, os inquiridos eram convidados a indicar “Quais das seguintes características ou traços traduzem a sua opinião pessoal sobre um “negro”: alegre, desonesto, inteligente, egoísta, trabalhador, agressivo”.

¹⁰ $M = 2,08$ vs $M = 1,24$.

¹¹ $M = 1,78$ vs $M = 1,54$.

¹² Teste de Newman-Keuls, $p < 0,00$; $M = 2,55$ vs $M = 1,01$.

¹³ Teste de Newman-Keuls, $p < 0,08$; $M = 1,62$ vs $M = 1,47$.

¹⁴ Teste de Newman-Keuls, $p < 0,00$.

¹⁵ Teste de Newman-Keuls, $p < 0,05$; $M = 2,03 > M = 1,47, M = 1,67, M = 1,32$.

¹⁶ No caso dos traços negativos, esta moderação verifica-se com os inquiridos que afirmam nunca se sentirem discriminados, quando comparados com os inquiridos que dizem sentir-se muitas vezes discriminados (teste de Newman-Keuls, $p < 0,05$; $M = 1,13$ vs $M = 1,75$).

¹⁷ Este resultado é, talvez, único na literatura sobre relações intergrupais. Ou seja, os resultados geralmente relatados mostram que os grupos minoritários de baixo estatuto se auto-homogeneizam e constroem uma imagem mais rica e heterogénea do grupo minoritário de alto estatuto (ver, por exemplo, Cabecinhas & Amâncio, 1999; para uma revisão ver Devos, Comby, & Deschamps, 1996). Os resultados por nós obtidos podem, pelo menos em parte, ser devidos ao facto de os grupos não serem equivalentes no nível de categorização. De facto, contrastámos “negros” e “portugueses brancos”, podendo este último grupo ter sido visto como mais específico e, por isso, como mais homogéneo. Agradecemos a Rosa Cabecinhas os comentários que deram origem a esta nota.

¹⁸ Ver Vala *et al.* (1999). Para uma revisão de literatura sobre as estratégias de gestão da identidade nos grupos minoritário, ver também Ellemers (1993).

¹⁹ No caso da medida de atribuição intergrupala de traços positivos, subtraímos o total de traços positivos atribuídos aos portugueses “brancos” ao total de traços positivos atribuídos aos negros. Relativamente à medida de atribuição intergrupala de traços negativos, subtraímos o total de traços negativos atribuídos aos negros do total de traços negativos atribuídos aos portugueses “brancos”. A inversão dos alvos nesta subtração destina-se a facilitar a leitura dos resultados.

²⁰ O indicador de percepção de interdependência positiva utilizado foi o seguinte: “Os ‘negros’ e os portugueses “brancos” têm conveniência em defender, em comum, os seus interesses.” (1 – discordo totalmente; 5 – concordo totalmente; $M = 3.43$). O indicador de interdependência negativa foi o seguinte: “É necessário de-

fender os interesses dos 'negros' antes de defender os interesses dos portugueses 'brancos'." (1 – discordo totalmente; 5 – concordo totalmente; $M = 2.82$). O indicador de identificação primária foi construído a partir de uma questão que colocávamos aos jovens "negros" e pedia que eles indicassem qual a categoria, entre 16 possíveis, que melhor descrevia a forma como se viam a si próprios. Assim, este indicador inclui a identificação com as categorias: "africanos", "país de origem" e "racial" ("negro").

²¹ Para uma revisão sobre o conceito e a funcionalidade das atitudes, ver Lima (2000).

²² Perguntámos aos jovens qual a percentagem de portugueses "brancos" que tinham referido, noutro estudo, que sentiam as seguintes (emoções) face aos "negros"? (1) Admiração pelos negros; (2) Simpatia pelos negros; (3) Medo dos negros; (4) Irritados com os negros. Note-se que não foi possível comparar a emoção "irritado" com a resposta efectiva dos portugueses, uma vez que esta mesma emoção não foi alvo de estudo no trabalho sobre os racismos em Portugal. Lembre-se que apenas 50% da amostra respondeu a esta questão, tendo os restantes 50% respondido às questões sobre traços que comentámos anteriormente.

²³ Estes indicadores foram construídos a partir da soma relativa, por um lado, das emoções positivas e, por outro, das emoções negativas. Por sua vez, e para efeitos das análises de variância, estes indicadores foram recodificados em duas posições, tomando como ponto de corte a mediana: (1) Baixa percepção de meta-imagem negativa / positiva; (2) Elevada percepção de meta-imagem negativa / positiva.

²⁴ Escala de frequência de expressão de emoções: (1) Nunca; (2) Poucas vezes; (3) Algumas vezes; (4) Muitas vezes.

²⁵ Efeito principal da meta-imagem: $F(1, 174) = 6.58, p < 0,01$; efeito principal da valência: $F(1,174) = 40.96, p < 0,00$; efeito de interação: $F(1,174) = 6.74, p < 0,01$.

²⁶ $M = 2,57$ vs $M = 2,38$.

²⁷ $M = 2,57$ vs $M = 2,38$.

²⁸ $M = 2,88$ vs. $M = 2,51$.

²⁹ Respectivamente, $F(1,176) = 32.22, p < 0,00$; $F(1,176) = 5.74, p < 0,02$.

³⁰ $M = 2,67$ vs $M = 2,27$.

³¹ Teste de Newman-Keuls: $M = 3,29$ vs $M = 2,67$; $p < 0,00$

³² Teste de Newman-Keuls: $M = 2,21$ vs. $M = 2,24$; $p < 0,59$

Referências

Alexandre, J. (2003). Ciganos, senhores e galhardós: Um estudo sobre percepções e avaliações intra e intergrupais na infância. Tese de mestrado não publicada. Lisboa: ISCTE.

Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino: A construção social da diferença*. Porto: Afrontamento.

Baganha, M. I., Ferrão, J., & Malheiros, J. M. (1998). *Os movimentos migratórios externos e a sua incidência no mercado de trabalho em Portugal*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Baganha, M. I., Marques, J. C., & Fonseca, G. (2000). *Is an ethclass emerging in Europe? The portuguese case*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Brewer, M. B., & Alexander, M. G. (2002). Images and emotions. In D. Mackie & E. Smith (Eds.), *From prejudice to intergroup emotions: Differentiated reactions to social groups*. New York: Psychology Press.

Brito, R. (1998). Racismo e assimetria positivo-negativo no envieçamento endogrupal ao nível das avaliações intergrupais. Tese de Mestrado não publicada. Lisboa: ISCTE.

Cabecinhas, R. (2002). Racismo e identidade em Portugal: Uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias. Tese de Doutoramento não publicada. Braga: Universidade do Minho.

Cabecinhas, R., & Amâncio, L. (1999). Asymmetries in the perception of other as a function of social position and context. *Swiss Journal of Psychology*, 58, 40-50.

Clark, K. B., & Clark, M. P. (1947). Racial identification and preference in negro children. In H. Proshansky & B. Seidenberg (Eds.), *Basic studies in social psychology*. New York: Holt Rinehart and Winston.

Correia, I. F. (2000). A teoria da crença no mundo justo e a vitimização secundária: Estudos empíricos e desenvolvimentos teóricos. *Psicologia*, XIV, 253-283.

Crocker, J., & Major, B. (1989). Social stigma and self-esteem: The self-protective properties of stigma. *Psychological Review*, 96, 608-630.

Deaux, K., & Emswiller, T. (1974). Explanations of successful performance on sex-linked tasks: What is skill for the male is luck for the female. *Journal of Personality and Social Psychology*, 29, 80-85.

Devine, P.G. (1989). Stereotype and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5-18.

Devine, P. G., & Elliot, A. J. (1995). Are racial stereotypes really fading? The Princeton trilogy revisited. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 11, 1139-1150.

Devos, T., Comby, L., & Deschamps, J. C. (1996). Asymmetries in judgments of ingroup and outgroup variability. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European review of social psychology* (Vol. 7, pp. 95-144). Chichester: Wiley.

Dijker, A. J. (1987). Emotional reactions to ethnic minorities. *European Journal of Social Psychology*, 17, 305-325.

- Ellemers, N. (1993). The influence of socio-structural variables on identity management strategies. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European review of social psychology* (Vol. 4, pp. 27-58). Chichester: Wiley.
- Garcia-Marques, L. (1999). O estudo dos estereótipos e as novas análises do racismo: Serão os efeitos dos estereótipos inevitáveis? In J. Vala (Org.), *Novos racismos: Perspectivas comparativas* (pp. 121-131). Oeiras: Celta Editora
- Gaertner, S. L. & McLaughlin, J. P. (1983). Racial stereotypes: Associations and ascriptions of positive and negative characteristics. *Social Psychological Quarterly*, 46, 23-30.
- Goméz, A. (2002). If my group stereotypes others, others stereotype my group...and we know. Concept, research lines and futures perspectives of meta-stereotypes. *Revista de Psicologia Social*, 17, 253-282.
- Haddock, G., Zanna, M. P., & Esses, V. M. (1994). The (limited) role of trait-laden stereotypes in predicting attitudes toward Native peoples. *British Journal of Social Psychology*, 33, 83-106.
- Henderson-King, E., Henderson-King, D., Zhermer, N., Posokhova, S., & Chiker, V. (1997). In-group favouritism and perceived similarity: A look at Russians' perceptions in the post-soviet era. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 1013-1021.
- Hinkle, S., & Brown, R. (1990). Intergroup comparisons and social identity: Some links and lacunae. In D. Abrams & M. Hogg (Eds.), *Social identity theory and critical advances* (pp. 48-70). Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Jost, J. T., & Banaji, M. R. (1994). The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness. *British Journal of Social Psychology*, 33, 1-27.
- Klein, O., & Azzi, A. E. (2001). The strategic confirmation of meta-stereotypes: How group members attempt to tailor an out-group's representation of themselves. *British Journal of Social Psychology*, 40, 279-293.
- Krueger, J. (1996). Personal beliefs and cultural stereotypes about racial characteristics. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 536-544.
- Lerner, M. J. (1980). *The belief in a just world: A fundamental delusion*. New York, NY: Plenum Press.
- Leyen, J.-Ph., & Désert, M. (2004). Racismo, essencialismo e ameaça do estereótipo. In M. L. Lima, P. Castro, & M. Garrido (Orgs.), *Temas e debates em psicologia social* (pp. 127-148). Lisboa: Livros do Horizonte.
- Lima, L. P. (2000). Atitudes: Estrutura e mudança. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia social* (pp. 187-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mackie, D. M., Devos, T., & Smith, E. R. (2000). Intergroup emotions: Explaining offensive action tendencies in an intergroup context. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 602-616.

- Mackie, D. M., & Smith, E. R. (1998). Intergroup relations: Insights from a theoretically integrative approach. *Psychological Review*, 105, 499-529.
- Marques, J., & Paez, D. (2000). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia social* (pp. 333-386). Lisboa: Gulbenkian.
- Mummendey, A. (1995). Positive distinctiveness and social discrimination: An old couple living in divorce. *European Journal of Social Psychology*, 25, 657-670.
- Pérez, J. A. (1996). Nuevas formas de racismo. In J. F. Morales & S. Yubero (Eds.), *Del prejuicio al racismo: Perspectivas psicosociales* (pp. 79-102). Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-la-Mancha.
- Pérez, J. A., Mugny, G., Llavata, E., Fierres, R. (1993). Paradoxe de la discrimination et du conflit culturel: Études sur le racisme. In J. A. Pérez & G. Mugny (Eds.), *Influences sociales : La théorie de l'élaboration du conflit* (pp. 145-168). Paris : Delachaux et Niestlé.
- Pires, R. P. (1999). A imigração. In F. Bethencourt & K. Chaudhuri (Orgs.), *História da expansão portuguesa* (Vol. V, pp. 197-213). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Schmader, T., Major, B., & Gramzow, R. H. (2001). Coping with ethnic stereotypes in the academic domain: Perceived injustice and psychological disengagement. *Journal of Social Issues*, 57, 93-111.
- Sherif, M., Harvey, O. J., White, B. J., Hood, W. R., & Sherif, C. W. (1988). *The Robbers Cave experiment: Intergroup conflict and cooperation*. Middletown, CT: Wesleyan University Press.
- Smith, E. (1997). Social cognition meets social identity: Group membership becomes an extended self. In D. Abrams & M. Hogg (Eds.), *Social identity and social cognition*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Tajfel, H. (1982). Grupos humanos e categorias sociais. Lisboa: Livros do Horizonte.
- Tajfel, H., & Turner, C. J. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations*. Monterey, C A: Brooks/Cole.
- Vala, J. (1997). Representações sociais e percepções intergrupais. *Análise Social*, 140, 7-29.
- Vala, J. (Org.) (1999). *Novos racismos: Perspectivas comparativas*. Oeiras: Celta Editora.
- Vala, J. (Coord.) (2004). *Simetrias e identidades: Jovens negros em Portugal*. Lisboa: Celta Editora.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Vala, J., Lopes, D., Lima, M., & Brito, R. (2002). Cultural differences and hetero-ethnicization in Portugal: The perceptions of black and white people. *Portuguese*

Journal of Social. Sciences, 1 (2), 111-128.

Vala, J., Lima, M., & Lopes, D. (no prelo). Social values, prejudice, and solidarity in the European Union. In W. Arts, & L. Halman (Edits), *European values at the end of the millenium*. Leiden: Brill

Vorauer, J. D., Hunter, A. J., Main, K. J., Roy, S. A. (2000). Meta-stereotype activation: Evidence from indirect measure for specific evaluative concerns experienced by members of dominant groups in intergroup interaction. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*, 690-707.

Vorauer, J. D., Main, K. J., & O'Connell, G. B. (1998). How do individuals expect to be viewed by members of lower status groups? Content and implications of meta-stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*, 917-937